



Reflexões cinematográficas sobre o Impeachment de Dilma Rousseff e a representação feminina

Cinematic reflections on the Impeachment of Dilma Rousseff and female representation

Maria Eduarda Dierka Prado¹
Carolina Fernandes da Silva Mandaji²

Resumo: Este estudo busca investigar a representação de gênero nos documentários “Democracia em Vertigem” e “Alvorada”, que retratam o impeachment de Dilma Rousseff e seus desdobramentos. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, utilizando análise fílmica fundamentada nos estudos sobre documentário e cinematografia, além de examinar a representação feminina no contexto, conforme proposto por teóricos como Nichols (2005) e Mulvey (1983). A metodologia envolve a análise das escolhas narrativas, estilísticas e estéticas feitas pelas diretoras, com foco em como estas desafiam ou reforçam estereótipos de gênero. Os resultados revelam que ambas as obras oferecem uma representação multifacetada e crítica das mulheres na política brasileira, destacando as nuances e desafios enfrentados por figuras femininas em um ambiente marcado por raízes históricas.

Palavras-chave: Audiovisual; Dilma Rousseff; documentários; impeachment; representação feminina.

Abstract: This study aims to investigate the representation of gender in the documentaries "Democracia em Vertigem" and "Alvorada", which portray the impeachment of Dilma Rousseff and its aftermath. The research adopts a qualitative approach, using film analysis based on studies of documentary and cinematography, as well as examining the representation of women in the context, as proposed by theorists such as Nichols (2005) and Mulvey (1983). The methodology involves analyzing the narrative, stylistic, and aesthetic choices made by the directors, focusing on how these challenge or reinforce gender stereotypes. The results reveal that both works offer a multifaceted and critical representation of women in Brazilian politics, highlighting the nuances and challenges faced by female figures in an environment marked by historical roots.

Keywords: Audiovisual; Dilma Rousseff; documentaries; impeachment; female representation.

¹ Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Comunicação Organizacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). E-mail: mariaprado@alunos.utfpr.edu.br

² Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Organizacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). E-mail: cfernandes@professores.utfpr.edu.br



Introdução

O impeachment de Dilma Rousseff, em 2016, representou um marco controverso na história do Brasil, baseado em acusações de crime de responsabilidade fiscal, o processo gerou intensa polarização política e jurídica, cujas repercussões ainda ecoam nos debates contemporâneos. Como a primeira mulher a ocupar a presidência do país, Dilma enfrentou desafios que foram exacerbados pelas questões de gênero, com a mídia e seus opositores frequentemente recorrendo a estereótipos enraizados para tratar sua figura pública.

Nesse contexto, os documentários “Democracia em Vertigem” (2019), dirigido por Ana Petra Andrade Costa, e “Alvorada” dirigido por Ana Luiza Machado da Silva Muylaert OMC e Lô Politi lançado em 2021, surgem como narrativas audiovisuais que, além de documentar os acontecimentos, refletem cinematograficamente a participação das mulheres na política.

Adotando a abordagem crítica de Nichols (2005) e Melo (2002) sobre documentário como uma visão singular de mundo, a análise concentra-se nas escolhas estilísticas, narrativas e visuais das diretoras. Assim, a pesquisa aborda as convenções do documentário contemporâneo, enfatizando a importância da perspectiva de gênero na produção audiovisual. Além disso, examina-se o papel das diretoras na desconstrução de estereótipos, à luz das teorias de Mulvey (1983) e Kamita (2017) sobre a representação feminina no cinema.

A problemática central do estudo reside na análise de como as representações de gênero e as escolhas cinematográficas desafiam ou reforçam estereótipos. Assim, busca-se compreender o impacto dessas obras na reflexão sobre a presença das mulheres na política e a desconstrução de hierarquias de poder. Justifica-se a pesquisa pela importância do cinema na construção da memória histórica e na desconstrução de estruturas patriarcais.

Os principais objetivos incluem explorar as estratégias narrativas das diretoras e analisar como suas escolhas influenciam a percepção da ex-presidente e de outras mulheres no cenário. A metodologia, por sua vez, é qualitativa, com análise fílmica baseada nos autores mencionados. Dessa forma, este estudo contribui para a compreensão do cinema como ferramenta de análise social e política, desafiando estigmas de gênero e promovendo narrativas mais inclusivas.



O impeachment sob o viés documental

O governo de Dilma Rousseff (2011-2016) buscou dar continuidade à política econômica de Luiz Inácio Lula da Silva, mas enfrentou desafios como a crise econômica global, inflação e contradições entre estímulo ao consumo e necessidade de superávit fiscal (Corsi, 2016). A tentativa de flexibilizar a ortodoxia econômica acabou cedendo a pressões do setor financeiro, levando a medidas de austeridade que não impediram a recessão, a desindustrialização e o aumento do desemprego, resultando em crescente insatisfação política.

Esse cenário de crise econômica e perda de popularidade criou um ambiente propício para a intensificação das críticas à gestão de Dilma e para a articulação política que culminaria em seu impeachment. O afastamento da presidente teve como principal fundamento as chamadas "pedaladas fiscais", uma manobra financeira que consistia no adiamento de repasses de recursos a bancos públicos para maquiar a real situação das contas do governo. O Tribunal de Contas da União (TCU) considerou a prática ilegal, fornecendo uma base jurídica para as acusações de crime de responsabilidade fiscal e intensificando as pressões políticas pelo impeachment (Becker *et al.*, 2017).

O processo teve início oficialmente em dezembro de 2015, quando o então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, autorizou a abertura do pedido de impeachment após denúncia apresentada pelos advogados Hélio Bicudo, Miguel Reale Júnior e Janaína Paschoal (Rodrigues, 2018). A tramitação do processo foi marcada por forte polarização política e acirramento das disputas partidárias, com debates sobre a legalidade da ação e seus reais interesses. Enquanto os defensores do impeachment argumentavam que a punição era legítima diante das irregularidades fiscais, críticos apontavam que a destituição foi motivada por razões políticas, questionando sua validade e caracterizando o episódio como um golpe institucional (Martuscelli, 2020).

A votação na Câmara dos Deputados, que aprovou a admissibilidade do processo, foi marcada por discursos inflamados e manifestações populares em todo o país, tanto a favor quanto contra o afastamento. No Senado Federal, o julgamento final ocorreu em agosto de 2016, resultando na destituição definitiva de Dilma Rousseff e na posse de Michel Temer, até então vice-presidente (Becker *et al.*, 2017).



Diante desse cenário, os documentários, “Democracia em Vertigem” e “Alvorada”, emergiram como obras que adotam abordagens distintas para analisar e documentar os bastidores desse momento histórico. Ambos exploram os eventos sob um cenário político semelhante, mas cada um com sua própria narrativa e estilo cinematográfico.

Nichols (2005) descreve o documentário como uma representação da realidade a partir de uma perspectiva singular, destacando a “voz” do documentário como o meio pelo qual o ponto de vista se manifesta. O documentarista emprega técnicas específicas, como escolhas de planos, considerações estéticas de enquadramento, iluminação e montagem, conforme discutido por Melo (2002). Ao mesmo tempo, busca manter uma relação de proximidade com a realidade, aderindo a um conjunto de convenções como o registro *in loco*³ e a não intervenção direta nos acontecimentos (Melo, 2002).

Contudo, o documentário não é um formato homogêneo e pode adotar diferentes abordagens conforme o objetivo do cineasta. Segundo Nichols (2010), algumas das principais vertentes incluem o estilo observativo, que busca capturar a realidade de forma imparcial, o participativo, em que o cineasta interage com os sujeitos, o reflexivo, que questiona o próprio processo de representação, o poético, que privilegia a subjetividade, o performativo, que enfatiza a experiência pessoal do cineasta, e o expositivo, que se baseia em uma narração objetiva e informativa. Cada uma dessas abordagens estabelece uma relação particular com a realidade representada.

Assim, os documentários investigados transcendem a mera documentação dos fatos, empenhando-se em entender as nuances e complexidades deste contexto do cenário político brasileiro. Isso ocorre porque a política está intrinsecamente ligada à visibilidade, à representação, e as obras cinematográficas, ao desvelarem as camadas do político, desafiam as fronteiras do visível e do dizível.

Como destacado por Penafaria (1999), a escolha do ponto de vista é uma decisão estética que implica em escolhas fotográficas e narrativas, cada uma representando uma manifestação de opinião do documentarista, quer ele esteja consciente disso ou não. Nesse sentido, a análise dos documentários adentra o terreno das escolhas criativas e das manifestações de opinião

³ O termo ‘registro *in loco*’ refere-se a prática de registrar informações diretamente no local dos acontecimentos (localização espaço-temporal), proporcionando uma abordagem mais autêntica e contextualizada.



presentes na construção cinematográfica, reconhecendo o cinema como uma fonte de conhecimento histórico (Riquelme, 2011).

A representação da realidade no cinema evoca memórias complexas para o espectador, e os documentários desempenham um papel crucial na reflexão sobre eventos políticos e sociais. Eles possuem uma responsabilidade significativa na formação da opinião pública, dada a sua função social e poder de visibilidade que possuem. Portanto, eles não apenas evidenciam eventos políticos, mas também moldam a percepção pública sobre esses eventos, influenciando ativamente a construção da memória histórica.

Ao abordar a cinematografia e sua relação com eventos políticos e sociais, é crucial reconhecer a importância de considerar a perspectiva de gênero. A visão de gênero no cinema, que analisa como os filmes constroem e reforçam normas de masculinidade e feminilidade, foi amplamente desenvolvida por autoras como Mulvey e Kamita. Mulvey (1983), com seu conceito de “*male gaze*”, mostrou como o cinema tradicionalmente posiciona as mulheres como objeto de desejo e subordinação ao olhar masculino. Kamita (2017), por sua vez, explora como o cinema brasileiro, em particular, reflete e reforça essas relações.

Nesse contexto, *Democracia em Vertigem* e *Alvorada* desafiam a construção de uma narrativa pejorativa sobre Dilma Rousseff, evidenciando não apenas questões políticas, mas também como essa abordagem perpetua uma lógica de hegemonia masculina que permeia o ambiente midiático. Essas obras revelam um panorama complexo da representação de Dilma no contexto do impeachment e pós.

Ao explorar a linguagem visual, narrativa e escolhas estilísticas, os documentários destacam as pressões enfrentadas por Dilma e os estereótipos presentes na sociedade brasileira. As cineastas desempenham um papel fundamental na desconstrução desses estereótipos e na promoção de uma representação mais inclusiva das mulheres na política.

A análise dessas produções permite examinar a representação feminina no cenário político contemporâneo, fomentando um debate mais amplo sobre diversidade e equidade de gênero, além de fortalecer a participação das mulheres na esfera pública.



A representação feminina no cinema⁴

Para Badiou (2005), o cinema é a visitação de uma ideia que permanece enquanto passa. Diante disso, falar sobre um filme é mostrar como ele convoca ou chama para uma ideia, sempre mantendo o caráter de incompletude, movimento e passagem que são característicos do cinema. Essa compreensão ressalta a capacidade do cinema de transmitir e convocar reflexões sobre questões políticas, sociais e de gênero, revelando as complexidades e as dinâmicas em constante mudança do mundo que retrata.

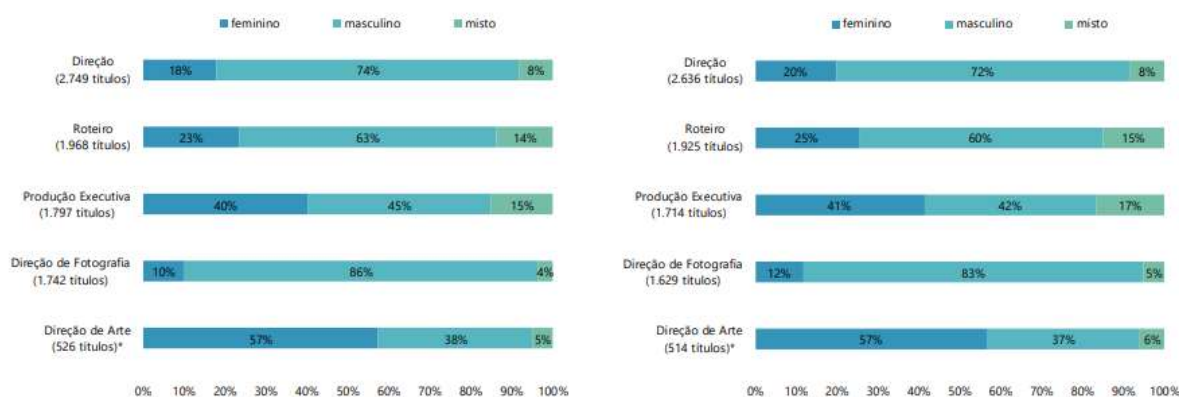
Embora não pareça, uma vez que o cânone do cinema costuma ser formado exclusivamente por homens, dezenas de mulheres entraram na direção de filmes entre os anos 1960 e 1970 no Brasil. A produção de muitas dessas cineastas, em especial a documentária, tratava de temáticas diretamente ligadas ao interesse das mulheres, como trabalho, filhos, aborto, inserção na política, construção de papéis sociais (Holanda, 2015, p. 341).

No entanto, apesar dessa contribuição, a presença feminina no cânone cinematográfico muitas vezes foi negligenciada. Essa lacuna revela uma ausência de reconhecimento, destacando como as estruturas patriarcais continuaram a moldar a percepção predominante do universo cinematográfico. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgados em 2013, as mulheres representam 51,4% da população brasileira. Entretanto, quando observamos o mercado de trabalho, a presença feminina se mostra limitada. Em 2007, as mulheres ocupavam 40,8% das vagas do mercado formal, e em 2016 representavam 44%, demonstrando um leve aumento durante o período. No campo audiovisual, um estudo da Ancine revelou que as mulheres ocupam apenas 40% dos cargos no setor, recebendo em média 13% menos que os homens em 2015. Além disso, em 2016, apenas 20,3% dos filmes lançados no Brasil foram dirigidos por mulheres, indicando uma disparidade significativa (Noronha, 2017).

⁴ Embora este artigo se concentre na representação feminina no audiovisual, é importante reconhecer que o recorte de gênero aqui utilizado não leva em consideração a interseção com a raça.



Gráfico 1 e 2. Percentuais de Gênero (CPBs emitidos em 2017 e 2018)



Fonte: Ancine (Participação feminina na produção audiovisual brasileira, 2018)⁵

As disparidades de gênero, como apontado por Noronha (2017), vão além do âmbito cinematográfico, estendendo-se por diversas esferas da sociedade. De acordo com uma reportagem do jornal O Globo (2017), a presença feminina em cargos de liderança ainda é limitada, representando apenas 37% das empresas, uma proporção que diminuiu para 21,7% no setor público. Essa discrepância se reflete também na taxa de desemprego, que atinge 11,7% das mulheres, comparada a 9,6% entre os homens. Além disso, a média salarial das mulheres equivale a apenas 76% dos salários dos homens, caindo para 68% nos cargos de chefia. A situação se agrava ainda mais para as mulheres negras, que enfrentam uma disparidade salarial de aproximadamente 40% em relação aos homens brancos.

Por outro lado, ao direcionarmos nossa atenção para a realidade cinematográfica brasileira, Tedesco (2016), em um dos seus estudos, revela que apenas 4% dos longas brasileiros de ficção lançados entre 1984 e 2014 foram fotografados por mulheres. Esta pesquisa evidencia uma significativa sub-representação no campo de direção de fotografia, ressaltando como a escassez de profissionais femininas contribuiu para a invisibilidade das mulheres nesse meio. Essa ausência não apenas limita as oportunidades de expressão artística para as mulheres, mas também perpetua estereótipos de gênero e visões limitadas nas narrativas cinematográficas.

À luz das reflexões de Noronha (2017), a constatação dos discursos e significados hegemônicos sobre gênero e raça na sociedade revela uma estrutura que organiza as pessoas

⁵ Disponível em: https://www.gov.br/ancine/pt-br/oqa/publicacoes/arquivos.pdf/participacao_feminina_na_producao_audiovisual_brasileira_2018_0.pdf.



em uma divisão de trabalho. Recentemente, o Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA) divulgou dois boletins detalhando o perfil racial e de gênero nos filmes brasileiros de maior público lançados entre 1995 e 2016, com foco nas funções de direção, roteiro e elenco principal.

Ao examinarmos a participação na direção ao longo das décadas, podemos observar padrões distintos que revelam uma persistente disparidade de gênero na indústria cinematográfica, especialmente na representatividade das mulheres. Desde a década de 1970 até os anos mais recentes, como 2016, há uma evolução perceptível, mas a escassez de mulheres nas funções técnicas do cinema contribui para a perpetuação de estereótipos e desigualdades, limitando tanto as oportunidades quanto a visibilidade das mulheres na indústria.

A análise da representatividade racial e de gênero na indústria cinematográfica, particularmente nas áreas de direção, roteiro e elenco principal, revela nuances significativas ao longo das décadas. Na direção de filmes, por exemplo, observamos uma quase ausência de mulheres brancas nos anos 1970, que foi gradualmente substituída por um modesto aumento, atingindo apenas 10% na década de 2010-2016. Apesar desse crescimento da presença feminina ao longo do tempo, a predominância masculina permanece marcante, com 90% dos diretores ainda sendo homens.

Em síntese, esses dados refletem as transformações observadas nas últimas décadas no audiovisual. Embora tenhamos testemunhado avanços na representação das mulheres em papéis-chave, como direção, roteiro e elenco principal, é importante reconhecer que ainda existem disparidades significativas, especialmente para mulheres pertencentes a minorias étnicas. Isso evidencia a persistência da inequidade de gênero e raça dentro desse contexto.

É importante ressaltar que as representações de gênero no cinema não são estáticas, mas sim fluidas e suscetíveis a mudanças ao longo do tempo. No entanto, é evidente que, historicamente, o cinema tem sido dominado por um olhar masculino, refletindo e perpetuando as hierarquias de gênero preexistentes na sociedade. Como resultado, as mulheres muitas vezes foram retratadas de maneira estereotipada ou objetificada, com suas vozes e perspectivas relegadas a um segundo plano.

O olhar feminino: gênero, cinema e desigualdade



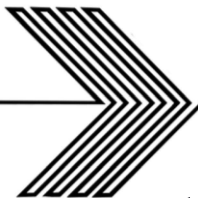
A representação do gênero audiovisual é um reflexo intrínseco de dinâmicas culturais profundamente enraizadas na sociedade. Como observador por Mulvey (1983), a mulher muitas vezes é inserida na cultura patriarcal como um significante para o outro masculino, mantida por uma ordem simbólica na qual os homens vivem suas fantasias e obsessões através do comando linguístico, impondo-as à imagem silenciosa da mulher, relegando-a ser portadora de significado, não criadora.

O cinema exerce um papel fundamental na construção das percepções sobre identidade, poder e relações interpessoais, especialmente no que diz respeito ao gênero. Segundo Kaplan (1995), as representações audiovisuais não são meros reflexos neutros da sociedade, mas sim construções que influenciam a forma como o público enxerga e interpreta o mundo. O domínio comercial dos grandes estúdios de Hollywood, que alcança um vasto público, faz com que seus filmes se tornem referências culturais e comportamentais, impactando significativamente a sociedade. Dessa forma, o cinema pode tanto reforçar estereótipos e normas sociais estabelecidas quanto desafiar estruturas de poder e hierarquias existentes, contribuindo para mudanças na forma como o gênero e as dinâmicas sociais são percebidos.

Nesse sentido, Kamita (2017) enfatiza que a representação feminina nas diversas linguagens audiovisuais oscila entre presença e ausência. O olhar masculino muitas vezes retrata a mulher como objeto, enquanto sua capacidade de criar sentido é frequentemente esmaecida. Ao analisar a posição da mulher atrás das câmeras, Kamita (2017) destaca a intenção de imprimir uma nova ótica à representação de homens e mulheres, buscando uma construção cinematográfica que fuja aos parâmetros de uma sociedade tradicional.

As cineastas, portanto, se propõem a estabelecer uma construção que desafie os discursos hegemônicos, optando por um “contracinema”⁶ fundamentado em linhas teóricas que respaldam panoramas inovadores sobre as relações de gênero. Essa abordagem não apenas desconstrói as narrativas dominantes, mas também oferece espaço para a expressão de identidades e experiências muitas vezes marginalizadas pelo cinema *mainstream*. Assim, ao

⁶ O “contracinema”, abordagem cinematográfica discutida a partir da década de 1960, visa subverter as convenções estéticas e narrativas do cinema *mainstream* (produção comercial dominante/consumo de massa), desafiando as estruturas de poder e ideologias dominantes. Ele busca criar novas formas de representação, muitas vezes engajadas politicamente, dando voz a experiências marginalizadas.



colocar mulheres no comando da criação cinematográfica, abre-se caminho para a multiplicidade de experiências e pontos de vista presentes na sociedade contemporânea.

Kaplan (1995), por sua vez, discute como a natureza construída das imagens cinematográficas, especialmente nas narrativas hollywoodianas, onde a representação feminina é muitas vezes encoberta pelo “realismo” aparente. Destaca-se, então, a relevância de desmascarar essas imagens para revelar como funcionam os significados subjacentes aos códigos. Ao desvendar as camadas de significado por trás das representações femininas, podemos lançar luz sobre as dinâmicas de poder e as ideologias subjacentes que influenciam a forma como as mulheres são retratadas e percebidas nas telas.

Ao analisarmos os documentários *Democracia em Vertigem* e *Alvorada*, percebe-se a intenção de desafiar estereótipos de gênero e ampliar a compreensão sobre a presença feminina na política brasileira. *Democracia em Vertigem*, de Petra Costa, evidencia o papel das mulheres, especialmente Dilma Rousseff, não apenas como ocupantes de cargos de liderança, mas também explorando suas trajetórias, desafios e estratégias políticas. A abordagem do documentário vai além da representação simbólica, mostrando as vivências dessas figuras em meio aos tumultos políticos.

Já *Alvorada* adota uma cinematografia intimista, focando o cotidiano no Palácio da Alvorada durante o segundo mandato de Dilma. O documentário analisa a representação do poder feminino e a visibilidade das mulheres na política por meio de entrevistas e diálogos que influenciam a percepção do público. A ênfase na rotina e na humanização da ex-presidente contribui para uma abordagem empática e realista, destacando a complexidade da atuação política feminina.

Ao adentrar os bastidores do poder, ambos os documentários apresentam mulheres em diferentes posições, desafiando a ideia de um poder monolítico e mostrando a diversidade de identidades femininas na política. Mais do que figuras institucionais, essas mulheres são agentes ativas na construção e nos desdobramentos dos acontecimentos políticos. Dessa forma, as obras ampliam a percepção sobre a presença feminina na política, promovendo uma visão mais profunda e humanizada de suas experiências e desafios.

As mulheres na política brasileira



Desde a conquista do direito ao voto em 1932, a presença das mulheres na política brasileira tem se expandido, mas o progresso continua em ritmo lento e marcado por barreiras históricas e culturais, que se refletem na sub-representação feminina nas esferas de poder. Por mais de um século, o cenário político brasileiro foi dominado por homens, e foi somente em 2011, com a eleição de Dilma, que o país testemunhou a ascensão de sua primeira mulher à presidência.

Embora sua eleição tenha sido um marco. Durante seu mandato, enfrentou críticas frequentemente direcionadas a sua figura de forma sexista. Apesar da eleição representar um marco, as barreiras estruturais ainda limitam a participação das mulheres na política brasileira, com sua representação reduzida mesmo com políticas afirmativas.

A realidade é que a política brasileira ainda é um ambiente hostil para as mulheres. A violência política de gênero, por exemplo, é um problema que vai desde ataques verbais e simbólicos até casos extremos, como o assassinato da vereadora Marielle Franco em 2018. Embora a Lei 14.192, sancionada em 2021, tenha sido um avanço no combate à violência política de gênero, na prática, a legislação muitas vezes não é aplicada de forma eficaz.

Nos últimos anos, medidas adicionais foram introduzidas para tentar equilibrar as oportunidades políticas. A Emenda Constitucional 117, por exemplo, tornou obrigatório a destinação de 30% dos recursos do fundo partidário para campanhas femininas. Além disso, a legislação que garante maior visibilidade para candidaturas de mulheres na propaganda eleitoral busca corrigir a desigualdade de gênero na política.

O movimento por uma maior participação feminina na política também deve incluir a interseccionalidade, reconhecendo as múltiplas camadas de opressão que afetam mulheres negras, indígenas e da comunidade LGBT. Gabriela Rollemberg, cofundadora do movimento ‘Quero Você Eleita’, ressalta a importância de apoiar candidaturas diversas para que as políticas públicas sejam mais inclusivas e representem de fato as necessidades de toda a população.⁷

Sendo assim, a presença das mulheres na política brasileira tem avançado, mas a superação das barreiras estruturais e culturais ainda é um desafio significativo. Embora a eleição

⁷ Disponível em: www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/05/aliados-na-luta-por-mais-mulheres-na-politica



de Dilma tenha representado um marco histórico, a persistente sub-representação feminina, a violência política e as limitações financeiras e partidárias continuam a dificultar esse avanço.

Diante desse cenário, a análise de documentários como *Democracia em Vertigem* e *Alvorada* se torna crucial para entender as dinâmicas de gênero e poder no contexto político brasileiro. Ao humanizar figuras como Dilma Rousseff e explorar as complexidades de suas trajetórias, esses filmes oferecem uma panorama valioso sobre os desafios que as mulheres enfrentam para conquistar e manter poder, contribuindo para a reflexão crítica sobre a necessidade de transformação das estruturas políticas e culturais do país.

Petra Costa e a vertigem democrática

“*Democracia em Vertigem*”, lançado em 2019 e dirigido por Petra Costa, é uma obra cinematográfica singular que oferece uma abordagem íntima sobre os eventos políticos que culminaram no impeachment de Dilma Rousseff. Ao entrelaçar eventos públicos com suas experiências pessoais, a diretora proporciona uma visão única, destacando a marca autoral do documentário. Como observado por Melo (2002, p. 23.), “a marca característica do documentário é seu caráter autoral, definido como uma construção singular da realidade, um ponto de vista particular do documentarista em relação ao que é retratado”.

Costa tece uma narrativa subjetiva, oferecendo sua visão sobre o que percebe como uma erosão da democracia no país. Este mergulho na narrativa pessoal de Dilma não se limita apenas a explorar o processo político do impeachment, mas também proporciona uma perspectiva crítica sobre como a misoginia permeou esse acontecimento histórico, destacando os desafios enfrentados por mulheres em posições de poder e as complexidades das relações de gênero na política brasileira.

A visão autoral de Petra Costa se destaca ao explorar a narrativa pessoal de Dilma Rousseff, indo além dos fatos políticos para abordar as complexidades e nuances da experiência feminina na política. Essa abordagem ressoa com a ideia de Penafaria (1999) sobre o documentário como um “argumento encontrado”, evidenciando que, à medida que os diálogos não são previamente escritos e muitas vezes imprevisíveis, a construção da narrativa se dá de forma mais orgânica e autêntica.



Nichols (2005), por sua vez, enfatiza que o modo participativo ressalta a interação entre o cineasta e o tema. Para o autor, a filmagem acontece em entrevistas ou outra forma de interação mais direta. Com frequência, ela uni-se às imagens de arquivo para examinar questões históricas. Esse modo de produção cinematográfica promove uma abordagem mais envolvente e colaborativa, permitindo uma exploração mais profunda das questões históricas e contemporâneas através do diálogo direto com os participantes e o uso de material de arquivo para enriquecer o contexto narrativo.

Petra Costa frequentemente adota uma proximidade íntima com as figuras centrais, especialmente com Dilma, utilizando *close-ups* que capturam suas expressões faciais e emoções, como momentos de reflexão e apreensão durante o impeachment. Nos momentos de tensão política, como nas manifestações de rua, o filme recorre a planos gerais, oferecendo uma visão ampla da movimentação das massas e da grandiosidade dos protestos. A câmera, por outro lado, se move de forma fluida e instável, com ângulos amplos e mudanças frequentes de perspectiva, criando uma sensação de desorientação e caos. Isso coloca o espectador imerso na agitação das ruas, intensificando a sensação de conflito e incerteza, ao mesmo tempo em que reforça a escala e a magnitude do conflito social, evidenciando a força e a intensidade dos protestos. Esse contraste com a intimidade das cenas com os protagonistas acentua ainda mais a divisão entre o espaço pessoal e o coletivo, aprofundando a experiência do espectador.

A iluminação também é um elemento crucial para intensificar a atmosfera. Nos momentos de maior aflição, como as discussões no Palácio do Planalto, a iluminação tende a ser mais sombria e dramática, criando uma sensação de urgência e apreensão. Esse uso de luz e sombra intensifica a ideia de incerteza e crise, além de contrastar com as sequências mais calmas, onde a luz natural e a iluminação mais suave transmitem um senso de tranquilidade ou nostalgia, especialmente em cenas de recordação.

Ademais, durante os momentos de manifestações populares e confrontos, as cores são mais saturadas, com tons quentes e vibrantes que transmitem a energia dos protestos. Por outro lado, em cenas mais introspectivas ou de reflexão, a paleta de cores tende a ser mais fria, com tons de azul e cinza, sugerindo uma atmosfera de distanciamento e melancolia, evocando a solidão e a introspecção da ex-presidente, por exemplo.



Além disso, o uso de material de arquivo, com imagens históricas e fragmentos de discursos e eventos políticos, não apenas complementa as entrevistas, mas também serve como um elo entre o passado e o presente. As imagens de arquivo são integradas de forma a enriquecer o contexto e fazer com que o espectador se sinta imerso no ambiente político da época, ao mesmo tempo em que a montagem cuidadosa de cenas atuais estabelece uma conexão direta com os eventos em curso.

Nesse caso, o cineasta assume uma postura mais presente na construção da narrativa do documentário. Costa, por exemplo, mescla trechos de sua vida pessoal com o desenrolar da política brasileira, mostrando como ambas foram afetadas, o que aproxima o documentário de uma espécie de autobiografia. Essa abordagem destaca uma voz feminina em um cenário predominantemente masculino.

A presença marcante de Petra Costa como diretora e narradora *off* confere uma dimensão subjetiva e feminina à narrativa, ampliando a discussão sobre as complexidades enfrentadas por mulheres na política. Sua voz não só guia o espectador através dos acontecimentos, mas também oferece *insights* pessoais e reflexões sobre as experiências vividas.

No documentário existe uma possibilidade enorme de variação quanto à utilização de determinados recursos. O documentarista pode (ou não): utilizar a figura do locutor (on/off), construir o filme apenas em cima de depoimentos, utilizar o recurso de reconstituição para contar a história, criar personagens para dar maior dramaticidade à narrativa, apresentar documentos históricos, etc. (Melo, 2002, p. 26).

Como destaca de Melo (2002), no documentário, há uma ampla gama de recursos que podem ser utilizados, e Petra Costa faz escolhas estratégicas. O filme não se limita a documentar os eventos do impeachment, mas destaca o papel fundamental das mulheres na resistência e na articulação política, revelando figuras como Maria da Conceição Tavares e Ellen Gracie Northfleet como vozes ativas e influentes.

Ao dar voz a essas mulheres, “Democracia em Vertigem”, vai além das representações tradicionais do poder político, onde a figura masculina predominante sempre teve mais destaque, e oferece um olhar mais plural e mais inclusivo sobre os eventos do impeachment. As mulheres não são retratadas apenas como observadoras ou vítimas passivas, mas como



agentes políticas que tomam parte ativa na construção da narrativa, influenciando, questionando e até contestando as estruturas de poder estabelecidas.

Em sua obra de 2002, Melo discute as diversas estratégias que um cineasta pode empregar para abordar eventos passados de maneira cinematográfica. Ela destaca que o cineasta tem a opção de utilizar imagens de arquivo, fazer uso da reconstituição (recurso legitimado pela escola de Grierson⁸), voltar ao local dos acontecimentos ocorridos no passado ou utilizar depoimentos das pessoas, numa tentativa de se aproximar do ocorrido. Essas técnicas proporcionam ao cineasta uma variedade de ferramentas para contar histórias de forma envolvente e autêntica, permitindo ao público uma experiência mais rica e imersiva na narrativa.

Essas estratégias, como exemplificado no documentário "Democracia em Vertigem", dirigido por Petra Costa, são formas de explorar e recriar eventos históricos por meio da linguagem cinematográfica.

"Democracia em Vertigem", portanto, vai além das fronteiras do simples documentário, proporcionando uma reflexão rica e multifacetada sobre a presença e o papel das mulheres na esfera política brasileira contemporânea. Ao abordar não apenas o processo político, mas também as experiências pessoais e as vozes ativas das mulheres, o filme se destaca como uma contribuição significativa para o entendimento das complexidades de gênero na política e para a compreensão mais ampla das potencialidades do documentário como uma forma artística e analítica.

Alvorada, entre o público e o privado

"Alvorada", lançado em 2021 e dirigido por Anna Muylaert e Lô Politi, emerge como uma obra cinematográfica singular, proporcionando uma visão atemporal e melancólica sobre a vida da ex-presidente Dilma Rousseff após seu impeachment, contrastando significativamente com a abordagem adotada em "Democracia em Vertigem".

⁸ A escola de Grierson, liderada por John Grierson, foi fundamental no desenvolvimento do cinema documental, destacando-se pela abordagem realista e engajada na representação da sociedade e na promoção de mudanças sociais.



Enquanto este último mergulha nas complexidades políticas que culminaram no afastamento de Dilma, “Alvorada”, adota uma postura mais observacional e direta, explorando o cotidiano da ex-presidente e sua equipe no Palácio da Alvorada enquanto enfrentam as consequências políticas e pessoais da destituição, buscando capturar um período de transição política. Segundo Nichols (2005), esse modo enfatiza o engajamento direto no cotidiano das coisas ou pessoas que representam o tema.

“Muitas cineastas seguem essa direção, construindo novas imagens da mulher e da feminilidade em contraposição aos discursos hegemônicos” (Kamita, p. 1395, 2017). Em “Alvorada”, essa abordagem se torna evidente ao explorar o cotidiano de Dilma no Palácio e ao destacar as mulheres em papéis essenciais nesse ambiente. O filme proporciona uma plataforma para examinar não apenas seu legado político, mas também sua identidade e agência como mulher em um contexto de liderança política.

Em consonância com a ideia de que muitos cineastas buscam criar novas imagens da mulher e da feminilidade, “Alvorada” desafia os discursos hegemônicos que frequentemente reduzem as mulheres no poder a figuras unidimensionais ou símbolos. A cinematografia do filme, com seu uso de planos-sequências longos e imersivos, permite que a protagonista seja mostrada em sua complexidade, destacando o processo dinâmico e contínuo da política. Ao usar a câmera que segue os personagens de forma fluida e sem cortes abruptos, o filme nos coloca no interior dessas negociações, mostrando que o cotidiano das mulheres no poder não é linear, mas envolve constantes confrontos. Esse movimento de câmera, junto com os planos gerais nas manifestações, cria um contraste visual entre a intimidade do espaço privado e a grandeza do espaço público, refletindo a desconexão entre a elite política e as ruas.

As instabilidades na câmera em momentos de crise reforçam a ideia de um espaço político em constante movimento e incerteza. Além disso, a escolha de uma sonoridade introspectiva e atmosférica, ao invés de uma trilha sonora épica ou heroica, ajuda a subverter a forma tradicional de representação das mulheres na política, enfatizando suas vulnerabilidades e dilemas internos. Dessa forma, o documentário, não apenas documenta a história política do Brasil, mas também oferece um novo horizonte sobre a presença e a resistência das mulheres na política, desafinando a visão convencional de que elas são apenas coadjuvantes ou figuras passivas dentro do sistema de poder.



A obra proporciona, desse modo, um olhar sobre as mulheres que desempenham papéis essenciais nesse ambiente, destacando não apenas suas responsabilidades formais, mas também suas contribuições individuais e poder de influência nos bastidores. Ao desafiar estereótipos de gênero, o documentário, como observado por Kamita, insere-se em um contexto mais amplo, no qual muitas cineastas buscam construir novas imagens da mulher da feminilidade, contrapondo-se aos discursos dominantes.

Por meio de uma cinematografia imersiva e da escolha de uma sonoridade introspectiva, o filme subverte as convenções narrativas ao destacar a vulnerabilidade e os dilemas internos das mulheres na política. A abordagem visual e sonora revela as nuances do cotidiano dessas mulheres, contrapondo-se à visão convencional de que elas são meras coadjuvantes ou símbolos. Nesse sentido, o documentário insere-se em um movimento mais amplo, como aponta Kamita, de cineastas que buscam reconstruir a feminilidade, desafiando os discursos hegemônicos e ampliando as possibilidades de representação no cinema.

A dicotomia entre ser sujeito e ser significante permanece como um fio condutor no enredo de “Alvorada”. A obra destaca não apenas as decisões políticas, mas também a dinâmica pessoal e profissional das mulheres que cercam a então presidente. As relações de poder e influência se desdobram sob os discursos políticos e as interações diárias, revelando as complexidades inerentes aos cargos de destaque.

Ao explorar as mulheres na equipe de Dilma, como Maria do Rosário, o filme vai além da mera documentação dos eventos políticos, oferecendo uma visão íntima e desafiadora. As mulheres são retratadas em papéis estratégicos e influentes durante o processo de impeachment, contribuindo para uma visão multifacetada da presença feminina na política brasileira contemporânea.

No âmbito visual, “Alvorada” se destaca pela cinematografia e enquadramento que realçam a grandiosidade do Palácio Alvorada. Essas escolhas representam o poder associado ao cenário político e influenciam a percepção que se tem sobre mulheres políticas retratadas. A linguagem visual colabora para construir uma narrativa que destaca a presença das mulheres em posições de destaque no cenário político, questionando as representações tradicionais.



No caso do documentário, sabemos que ele só pode ser construído a partir de outros lugares enunciativos, de outras vozes. Durante a produção do documentário, o documentarista recorre a diversas fontes para coletar as informações que lhe são necessárias. Essas fontes tanto podem ser consultas a arquivos (dos quais se extrairão informações para integrar o documentário) como simples conversas com pessoas envolvidas ou conhecedoras do assunto abordado. Neste último caso, o documentarista busca ouvir a opinião de várias pessoas sobre determinado acontecimento ou personalidade, seja para confirmar uma tese, seja para confrontar opiniões (Melo, 2002, p. 34).

O documentário *Alvorada* registra eventos históricos sem depender da presença de um narrador e dá voz e agência às mulheres na esfera política. Como aponta Melo (2002, p.33), a presença do narrador não é obrigatória em documentários, pois os depoimentos podem ser organizados de forma a se conectarem sem a necessidade de uma voz exterior unificadora. Isso não compromete a coerência do discurso, que se manifesta na seleção e no encadeamento dos depoimentos que compõem a narrativa.

O filme transcende a necessidade de uma voz unificadora, permitindo que os depoimentos se entrelacem de forma coesa. Essa abordagem contribui para a representação de uma visão multifacetada das complexidades durante o período de transição.

A edição de som e as entrevistas conduzidas por Anna Muylaert e Lô Politi desempenham um papel crucial, moldando a narrativa por meio da seleção de diálogos. Essa abordagem não só oferece uma representação detalhada das mulheres políticas, mas também contribui para a desconstrução de estereótipos.

Conclusão

Este estudo investiga as representações de gênero nos documentários “*Democracia em Vertigem*” e “*Alvorada*”, analisando os desafios enfrentados pelas mulheres na política brasileira. Para além da trajetória de Dilma Rousseff. Ao adotar uma abordagem crítica do documentário como uma visão singular do mundo, a pesquisa destaca a atuação de diversas mulheres nos bastidores e frentes políticas, evidenciando como as diretoras dessas produções desafiam estereótipos e normas de representação.



A abordagem crítica adotada ressalta o papel do documentário não apenas como registro de eventos, mas como ferramenta ativa na desconstrução de estruturas de poder patriarcais e na construção da memória histórica. Ao explorar as escolhas cinematográficas de Petra Costa, Anna Muylaert e Lô Politi, observa-se como essas obras questionam narrativas tradicionais, influenciando a construção da memória histórica.

Ao destacar a presença ativa de mulheres nos bastidores políticos, esses documentários ressignificam imagens, resistindo a generalizações e contribuindo para uma visão mais holística e humanizada das mulheres na política. A desconstrução das narrativas convencionais sobre as mulheres em posições de destaque – que frequentemente as reduzem a figuras secundárias, vulneráveis ou manipuláveis – oferece uma concepção não apenas voltada para os rótulos cinematográficos, mas também na desconstrução das raízes históricas.

Sendo assim, este estudo destaca a presença ativa das mulheres nos bastidores políticos, evidenciando o papel crucial do cinema como uma ferramenta de reflexão crítica sobre as dinâmicas sociais, culturais e políticas. Ao desvendar as complexidades das representações de gênero nos documentários analisados, busca-se contribuir para uma compreensão mais profunda das experiências e do papel das mulheres na esfera política na sociedade contemporânea.

Referências

ALMEIDA, Cássia. Mulheres estão em apenas 37% dos cargos de chefia nas empresas: no setor público, elas são apenas 21,7%. **O Globo**. 16 nov. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/mulheres-estao-em-apenas-37-dos-cargos-de-chefia-nas-empresas-21013908>. Acesso em: 16 nov. 2024.

ANCINE, Agência Nacional do Cinema. **Participação feminina na produção audiovisual brasileira (2018)**. Rio de Janeiro: *ANCINE*, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/ancine/pt-br/oca/publicacoes/arquivos.pdf/participacao_feminina_na_producao_audiovisual_brasileira_2018_0.pdf. Acesso em: 10 jan. 2024.

BADIOU, Alain. **Imagens e Palavras**: escritos sobre cinema e teatro. Buenos Aires: Manancial, 2005.

BECKER, C. *et al.* Manifestações e votos sobre Impeachment de Dilma Rousseff na primeira página de jornais brasileiros. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, [S. l.], v. 13, n. 24, 2017.

CORSI, Francisco. **A política econômica do governo Dilma: baixo crescimento e recessão**. Revista Novos Rumos, v. 53, n. 1, p. 153-165, 2016.



HOLANDA, Karla. Documentaristas brasileiras e as vozes feminina e masculina. **Significação:** revista de cultura audiovisual, v. 42, n. 44, p. 339-358, 2015.

KAMITA, Rosana Cássia. **Relações de gênero no cinema:** contestação e resistência. Revista Estudos Feministas, v. 25, p. 1393-1404, 2017.

KAPLAN, Elizabeth Ann,. **A mulher e o cinema:** os dois lados da câmera. Trad. Helen M. Potter Pessoa. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

LIMA, Paola; PORTELA, Raissa. Mulheres na política: ações buscam garantir maior participação feminina no poder. **Agência Senado**. 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/05/aliados-na-luta-por-mais-mulheres-na-politica>. Acesso em: 28 nov. 2024.

MARTUSCELLI, Danilo Enrico. Polêmicas sobre a definição do Impeachment de Dilma Rousseff como Golpe de Estado. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v. 14 n. 2, p. 67-102, 2020.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de. **O documentário como gênero audiovisual**. Comunicação & Informação, v. 5, n. 1/2, p. 25-40, 2002.

MULVEY, Laura. Prazer visual e cinema narrativo. In: XAVIER, Ismail (org). **A experiência do cinema**. Rio de Janeiro: Edições Graal. Embrasilme, 1983.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. São Paulo: Papyrus, 2005.

NORONHA, Danielle de. **Elas por trás das câmeras:** reflexões sobre as mulheres no audiovisual. Associação Brasileira de Cinematografia, 2017.

PENAFRIA, Manuela. **O filme documentário:** história, identidade, tecnologia. Lisboa: Editora Cosmos, 1999.

RIQUELME, Diogo Ivan Caroca. **O Cinema Documentário da América Latina dos Anos de 1960**. Uma Breve Reflexão dos Principais Movimentos Cinematográficos do Novo Cinema da América Latina. Cadernos PROLAM/USP, São Paulo, ano 10, v. 1, p. 93-102, 2011.

RODRIGUES, Theófilo Machado. O papel da mídia nos processos de Impeachment de Dilma Rousseff (2016) e Michel Temer (2017). **Revista Contracampo**, v. 37, n. 2, 2018.

TEDESCO, M. C. Mulheres atrás das câmeras: a presença feminina na direção de fotografia de longas-metragens ficcionais brasileiros. **Significação:** Revista De Cultura Audiovisual, v. 43, n. 46, p. 47-68, 2016.

ALVORADA. Direção de Anna Muylaert e Lô Politi. Brasil, 2021.

DEMOCRACIA em Vertigem. Direção de Petra Costa. Brasil: Netflix, 2019.